

**DO PASSADO AO PRESENTE COM GRACILIANO RAMOS: AS MÚLTIPLAS
POSSIBILIDADES DE LEITURA NO CONTO “UM CINTURÃO” E O VALOR
SOCIAL DO TEXTO LITERÁRIO**

Lucineide Gomes da Cunhas¹
Maria Claudino Claudino da Silva²
Katrine Ribeiro Gonzaga³
Paula Regina Rodrigues Menêses⁴

RESUMO: Das várias funções que a literatura possui, uma delas é a de denunciar, por meio das mais variadas obras, os abusos e crueldades ocorridos em determinada época. No Conto “Um Cinturão” de Graciliano Ramos, publicado em 1945, é evidente a tortura física e psicológica sofrida por uma criança, fato que ainda acontece atualmente, fazendo-se, assim, necessária, uma análise das várias possibilidades de leituras do Conto na contemporaneidade. Para que tal análise seja possível, é importante atentar para as várias formas que o texto literário pode influenciar e formar o ser humano. Para a revisão conceitual recorreremos à Martins (1985), Ramos (1945), Candido (2006), Basso (2010), Amorim (1999), Rebello (2009) Bordini (1993), Nicola (1998). Assim considerando, este estudo faz algumas reflexões sobre o conto, em questão, buscando a sua atualidade nas mazelas de violência contra a criança e o adolescente, fatos, esses, que ocorrem diariamente e que precisam ser cuidados pela legislação. Entre as reflexões feitas, buscou-se entender o contexto e a história de vida de Graciliano Ramos, visando ao entendimento do que ele, como escritor, buscou expor em seus escritos. Desse estudo sobre o Conto “Um Cinturão” de Graciliano Ramos, depreende-se que é um texto atemporal, justamente por tratar da violência contra a criança, fato que ainda acontece nos dias atuais e que, analisar e refletir sobre assunto, é fundamental.

Palavras-chave: Texto Literário. Leitura. Graciliano Ramos.

**FROM THE PAST TO THE PRESENT WITH GRACILIANO RAMOS: THE
MULTIPLE POSSIBILITIES OF READING THE STORY “UM CINTURÃO” AND
THE SOCIAL VALUE OF THE LITERARY TEXT**

ABSTRACT: Of the various functions that literature has, one of them is to denounce, through the most varied works, the abuses and cruelties that occurred at a certain time. In the short story “Um Cinturão” by Graciliano Ramos, published in 1945, the physical and psychological torture suffered by a child is evident, a fact that still happens today, thus making it necessary to analyze

¹ Especialista em Linguagem e Ensino: Língua e Literatura. Tutora do UniCathedral – Centro Universitário, modalidade EaD. E-mail: lucineidegomesdacunha@gmail.com

² Mestra em Educação, na área de concentração Práticas Pedagógicas e Formação de Professores, na UFMT. Atua como professora no Curso de Letras/ ICHS/CUA/UFMT, Campus de Barra do Garças - MT. E-mail: claudinodasilva22@gmail.com.

³ Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa e Espanhola – FARESE. Docente no Curso de Pedagogia do UniCathedral – Centro Universitário, modalidade EaD e presencial. E-mail: katrineprofessora@gmail.com.

⁴ É mestra pelo Programa de Pós-graduação Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI, da Universidade Estadual de Goiás (UEG - Câmpus Cora Coralina). Atua como professora substituta no Curso de Letras/ ICHS/CUA/UFMT. E-mail: paulareginarm@gmail.com.

the various possibilities of reading the text. I speak in contemporaneity. For such an analysis to be possible, it is important to pay attention to the various ways that the literary text can influence and form the human being. Therefore, this study makes some reflections on the tale in question, seeking its relevance in the ills of violence against children and adolescents, facts that occur daily and that need to be taken care of by legislation. Among the reflections made, we sought to understand the context and life story of Graciliano Ramos, aiming at understanding what he, as a writer, sought to expose in his writings. From this study on the short story “Um Cinturão” by Graciliano Ramos, it appears that it is a timeless text, precisely because it deals with violence against children, a fact that still happens today and that analyzing and reflecting on the subject is fundamental.

Keywords: Literary Text. Reading. Graciliano Ramos.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, o objeto de pesquisa busca uma compreensão sobre as várias possibilidades de leitura e reflexões, a partir do texto literário. Nesse contexto, busca-se, mais especificamente, a compreensão e a reflexão, a partir da leitura do conto “Um Cinturão”, de Graciliano Ramo, escrito em 1945.

Quando se fala em “compreensão e leitura”, pressupõe-se uma leitura interpretativa, que traga do referido conto possibilidades de leituras e reflexões orientadoras de discussões sobre problemas sociais e culturais da contemporaneidade.

Dentre muitas das funções da literatura, uma delas é a representação do real, mas, tendo esse real várias faces, já que o texto precisa da linguagem literária para ser considerado literário, o que amplia, mais ainda, as formas de interpretação da realidade. Pensando nessas várias faces, que ao analisar as possibilidades de leituras do conto “Um Cinturão”, de Graciliano Ramos, na contemporaneidade, é essencial fazermos relações sobre a vida do autor com a época em que viveu, refletir sobre que influências suas obras sofreram e como as suas ideias literárias permanecem suscitando reflexões que envolvem problemas de ordem social e cultural, nos dias atuais.

O conto “Um Cinturão” relata atos de violência sofrida por uma criança, praticados no seu ambiente familiar, pelo seu pai, que fez um julgamento sem ao menos verificar se ele seria realmente o culpado pelo sumiço do cinturão.

As obras literárias trazem consigo, além do caráter artístico, próprio da arte literária, um caráter educativo, tanto político, quanto pedagógico, pois os valores nelas presentes são exemplos que podem favorecer a emancipação humana, contribuindo com uma reflexão sobre a sociedade em se vive. Pensando, justamente, nesta reflexão, que a análise do conto “Um

Cinturão” de Graciliano Ramos, permite entrelaçar passado e presente, fazendo relações dos abusos cometidos na época, com as nuances de violência que ocorrem na atualidade.

Desse modo, os autores que balizaram este estudo, foram, principalmente: Martins (1985), Ramos (1945), Candido (2006), Basso (2010), Amorim (1999), Rebello (2009) Bordini (1993), Nicola (1998).

LITERATURA: O ENTRELAÇAMENTO DA ARTE E DA REALIDADE

O ser humano vive buscando ser livre, mas, quando se trata da língua e de suas infinitas normas, somos escravos, por sermos obrigados a enquadrarmos o que falamos em uma estrutura linguística, para que haja uma completa comunicação, pois, a linguagem é social. Uma das formas de ser livre, é por meio da literatura, pois a linguagem literária não precisa seguir regras para ser compreendida, permitindo, assim, que o autor se expresse de forma clara sobre suas ideias e sentimentos. “(...) na linguagem literária as palavras assumem novos significados e representações (AMORIN, 1999, p. 02)”.

Dentre muitas das funções da literatura, uma delas é a representação do real, mas esse real assume várias faces já que o texto precisa da linguagem literária para ser considerado literário, o que amplia as formas de interpretação da realidade.

A arte, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude da gratuidade [...] (CANDIDO, 1972, p. 53).

Candido ressalta um elemento de manipulação técnica como algo indispensável para poder afirmar uma obra como literária ou não, o que faz Barthes quando classifica a linguagem, em linguagem literária, que passa a ser livre para atribuir vários novos significados às palavras. Marisa Lajolo trata justamente da importância da linguagem para a obra:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção de leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, a predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana (LAJOLO, 1981, p. 38).

Percebe-se, então, o quão a linguagem literária é essencial na relação entre autor e leitor, nas relações de sentidos que a obra produz.

Ainda conforme Candido, em *A literatura e formação do homem* (CANDIDO, 1972), existem três funções que a literatura desempenha, sendo elas, a função psicológica, a função formadora e a função social, que, juntas têm a finalidade de humanizar. Serão apresentados, a seguir, alguns pressupostos de cada uma dessas funções, a partir das ideias do autor mencionado.

A função psicológica está ligada à capacidade indispensável que o ser humano tem de fantasiar e, para o autor, de todas as formas de se fazer isso, a literatura é, sem dúvidas, a mais rica, mas não podemos nos esquecer que, a fantasia normalmente tem alguma ligação com a realidade. E é, justamente por meio do real, que surge a função formadora, pois ao relatar realidades que os dominantes tentam camuflar, ela atua na formação do homem como instrumento de educação. Candido assevera que “[...] a literatura humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p. 806).

Já, com a função social, torna-se possível reconhecer a realidade em que se vive, quando esta for deslocada para a ficção, porém, o autor chama a atenção para que não seja feita uma leitura errônea sobre uma determinada realidade quando o indivíduo não está nela inserida. Antônio Candido também afirma que este contato com o desconhecido é uma ótima oportunidade de ampliar as suas experiências e passar a enxergar e a respeitar a identidade dos demais

Ao analisar que a literatura possui todas essas funções e que, juntas, estão estritamente ligadas ao homem e a sua formação, ela deve, então, passar a integrar a categoria de bens que todo ser humano tem o direito de desfrutar. Candido, acreditando que a literatura é um direito de todos, baseia-se na concepção do Padre Louis-Joseph Lebret, o qual distingue *bens compressíveis* de *bens incompressíveis*. Compreende-se como *bens compressíveis* tudo aquilo que for dispensável para a sobrevivência do indivíduo, como cosméticos, acessórios, e tudo que seja em excesso; e *bens incompressíveis* aquilo o que for preciso para a sobrevivência do ser humano e para seu bem-estar físico e psicológico, incluído o direito à instrução.

Enquadrando a literatura nos *bens incompressíveis*, Antônio Candido defende a literatura como um bem indispensável para o desenvolvimento intelectual, pois possibilita melhor convívio e integração do ser com a realidade que o cerca, além de um equilíbrio psicológico maior.

Pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. [...] É necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. (CANDIDO, 1972, p.110).

Se a literatura é essencial para o desenvolvimento e formação do ser, é por isso que ela deve ser considerada tão importante quanto o direito à moradia e à alimentação, que são direitos de todos.

As obras literárias trazem consigo, além do caráter artístico, próprio da arte literária, um caráter educativo, tanto político, quanto pedagógico, pois os valores nelas presentes são exemplos que podem favorecer a emancipação humana, contribuindo com uma reflexão sobre a sociedade em que se vive. Além disso, Candido atribui à literatura a responsabilidade por um equilíbrio social, que só é possível por meio das mais variadas criações que todos os grupos da sociedade produzem, sejam eles familiar, religioso, escolar, fazendo, assim, propagar seus princípios. O autor ressalta, ainda, o fundamental papel formador de personalidade e de humanização que a literatura traz consigo, pois, a partir do momento em que ela propicia conhecer diferentes realidades e acontecimentos, nos tornamos mais capazes de compreender, conviver em sociedade e respeitar o próximo. A literatura atua, também, como forma de denúncia da realidade, estando, assim, associada aos direitos humanos, quando, de alguma forma, expõe ou critica a inexistência deles, nos permitindo, assim, um melhor entendimento do mundo em que vivemos, o que contribui para o desenvolvimento intelectual e pessoal de cada um.

A literatura tem a capacidade de ativar a imaginação e, ao mesmo tempo, expandir os campos de conhecimento do indivíduo. De acordo com Ozaí e Praxedes (2001): “A literatura tem a potencialidade de nos tornar melhores e de permitir uma maior reflexão sobre a cidadania em seu conteúdo político e social, contribuindo para a formação intelectual e cultural.”

Como ressaltaram, na citação acima, os autores Ozaí e Praxedes (2001), a literatura atua para tornar o homem sempre melhor em todos os âmbitos em que vive. É importante ressaltar a ação mútua que obra e o público sofrem, pois alguém que lê uma obra é influenciado por ela, que também influencia o meio em que vive, e isso só acontece porque o autor vive em sociedade, ou seja, a literatura é coletiva e a obra é resultado de uma relação dialética, mas é importante ressaltar que, devido aos inúmeros leitores de uma obra, infinitas serão as suas interpretações.

É de suma importância, além de compreender a obra, levar em consideração também o contexto histórico em que viveu o autor, assim como seus possíveis leitores, já que a literatura, em geral, pode expressar um conteúdo semelhante à realidade social.

Conforme, ainda, Ozaí e Praxedes (2001), citando Lefebvre: “[...] uma manifestação humana deve partir de uma necessidade vivenciada e resultará em conhecimento teórico combinado com habilidades técnicas.” Ainda, para Lefebvre, uma obra se constitui a partir da necessidade vivida de determinado lugar, com a junção de um saber teórico e a linguagem literária escolhida.

É complexo tentar definir ou conceituar a literatura, já que sua manifestação artística é tão vasta, mas, Aristóteles o fez em sua Arte Poética e, por isso, hoje conhecemos o que chamamos de gêneros literários, que são divididos entre gênero épico ou narrativo, gênero lírico e gênero dramático. Neste momento, vamos apresentar um exemplo contido dentro do gênero narrativo, que é o conto, considerando que, neste estudo, trabalhamos com o Conto “Um Cinturão”, de Graciliano Ramos (1945).

De acordo com Moisés (1990), o Conto tem como característica principal ser uma narrativa curta, linear e objetiva que, no geral, é o que o diferencia de uma novela ou um romance. A presença de poucos personagens, o tempo e espaço também são importantes para a sua constituição. O enredo segue uma sequência lógica dos acontecimentos, o que traz a ideia de verossimilhança, pois mesmo sendo uma narrativa ficcional, ela leva o leitor a acreditar que em um dado momento é possível de acontecer. Para que o conto prenda a atenção do leitor, normalmente, se inicia já apresentando os principais personagens, o conflito, o tempo e o espaço, para situar o leitor sobre o que está por vir.

Geralmente, o desenvolvimento do enredo apresenta um único conflito o qual tem seu ápice no clímax da narrativa, que é quando acontece o momento de maior tensão, encaminhando-se para um desfecho, que tende a surpreender o leitor, seja o fim triste, cômico ou trágico. Os personagens que têm uma interferência direta no conto são poucos, e tendem a serem planas ou estáticas, pois geralmente não mudam no decorrer da história.

O tempo pode ser classificado em cronológico, que é ligado a datas, meses e anos e tende a dar um encaminhamento linear à narrativa. O tempo psicológico é aquele se refere às lembranças, aos sonhos, aos pensamentos dos personagens, também pode ocorrer os chamados *flashbacks*, retornos ao passado por meio da consciência. O espaço pode ser físico, como em casas, praças, ruas, bem como psicológico, referentes a condições socioeconômicas, morais e psicológicas dos personagens.

A LEITURA E SUAS POSSIBILIDADES

As linguagens surgem a partir momento em que o homem tem que se relacionar em sociedade, e, por isso, torna-o capaz de se reconhecer como humano. No entanto, dentro de um grupo de interação, existem desejos, vontades e opiniões divergentes, mas é justamente por meio dessa interação que se torna possível a troca linguística, favorecendo transformações, tanto no indivíduo, quanto na sociedade em geral.

A linguagem verbal é a mais utilizada dentre todas as formas de se expressar e se comunicar. Registrar essa linguagem, através da escrita, faz do livro um documento que guarda as impressões pessoais e coletivas do autor; e o leitor, ao compreender o texto, consegue estabelecer relação com as mais variadas manifestações que estão longe no tempo-espaço de sua realidade. “O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo, que gera vínculos entre leitor e outros homens” (BORDINI, 1993, p.10).

Como afirma Bordini (1993), acima, além de ampliar o conhecimento, possibilita entender melhor a importância do papel de cada pessoa na sociedade, o momento presente em que se vive, o contato com as criações de outros indivíduos. A linguagem verbal também proporciona a socialização por meio da leitura, pois o leitor estabelece um diálogo que o obriga a tomar posicionamento, de acordo com os sentidos que são abstraídos do texto. Para a mesma autora:

Determina ainda um conceito de texto limitado à língua escrita, embora se possa entender o mesmo como todo e qualquer objeto cultural, seja verbal ou não, em que está implícito o exercício de um código social para organizar sentidos, através de alguma substância física. Portanto, cinema, televisão, vestuário, esportes, cozinha, moda, artesanato, jornais, falas, literatura partilham da qualidade de textos (BORDINI, 1993, p.10).

Baseando-se neste conceito de Bordini (1993), muitas são as formas existentes de texto, e não é somente o escrito. Paulo Freire se baseia nos múltiplos conceitos de texto, para frisar que a leitura do mundo é anterior a da palavra. “[...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1982, p. 1-2), ou seja, desde a infância, todos somos leitores em formação, pois estamos diariamente aprendendo a dar sentido a tudo ao nosso redor. Mas isso não significa dizer que, a leitura do texto escrito não seja fundamental, pois é por meio dele que as classes

menos favorecidas terão acesso às informações que possibilitarão não serem objetos de uso da parte detentora do saber, que sempre fez uso do seu conhecimento a seu favor.

Para que os problemas de leituras possam ser possivelmente solucionados em uma sociedade desigual, Bordini (1993) defende a ampliação da disponibilidade de diversos textos, que possam ser produzidos tanto pela classe letrada, quanto pelas menos favorecidas, desde que a oportunidade de alfabetização chegue a esta segunda. Desta forma, ambas acrescentando para o desenvolvimento da sociedade em geral.

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. (BORDINI, 1993, p.13).

Como exposto acima, os livros literários, portanto, a literatura, é considerada o meio que mais possibilita descobrir sentidos naquilo que se lê, pois ela busca expor o real como um todo, e de forma mais ampla. “A linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais, nela representados, uma visão típica da existência humana” (BORDINI, 1993, p. 14). A forma como o homem sentiu e pensou acerca de um fato vai influenciar sobre o que ele escreverá a respeito de tal fato, além de o ligar, de alguma forma, a outras pessoas em tempos e espaços diferentes.

De acordo com Bordini (1993), o texto literário resulta de uma interação, o que permite que ocorram trocas entre diversos grupos da sociedade, mas destaca sua autonomia de significação quando o texto literário não precisa, necessariamente, ter um contexto, um objeto real para basear-se, como em um romance. A interação entre o autor e o leitor, dispensa a realidade por um momento. O texto literário tem uma independência em sua criação, o que o torna menos rígido e mais plurissignificativo, possibilitando diversas leituras. Bordini afirma que:

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano. Paradoxalmente, por apresentar um mundo esquemático e pouco determinado, a obra literária acaba por fornecer ao leitor um universo muito mais carregado de informações, porque o leva a participar ativamente da construção dessas, com isso forçando-o a reexaminar sua própria visão da realidade concreta (BORDINI, 1993, p. 15).

A liberdade que a literatura proporciona ao leitor está ligada a não obrigatoriedade de limitações ou regras quanto à interpretação, mas ao prazer de infinitas compreensões que a leitura realizada pode oportunizar, como a reflexão sobre a sua participação na sociedade e em sua composição.

De acordo com Martins (1985), a partir do contexto social, é o momento em que aprendemos a ler, no entanto, no geral, não nos atentamos para a forma como ocorre essa leitura, que se divide em três níveis: sensorial, emocional e racional. Esses níveis, normalmente, estão inter-relacionados, podendo ser simultâneos, ou um se sobrepor o outro, em algum momento. Tudo vai depender do contexto em que o leitor se encontra e de suas necessidades e interesses.

O nível sensorial, está ligado aos sentidos (tato, olfato, paladar, audição, visão), o tempo de duração tende a ser curto, pois a sensação é imediata, e inicia-se desde muito cedo, e vai revelando ao leitor seus gostos e preferências, sem muitas regras, apenas pela apreciação dos sentidos. Pode ser um cheiro, uma textura, um gosto, uma imagem, um som, o que o impressiona ou desagrada. O que conta, no primeiro momento, é a sensação causada, a resposta física a algo. Apesar de tão inerente ao ser humano, esse nível não é valorizado como sendo tão relevante.

No momento em que a emoção e os sentimentos começam a aparecer, estamos falando de outro nível: o emocional, que, assim como o sensorial, não é considerado tão importante, por estar relacionado às emoções e, por isso, ser muito subjetivo. As reações causadas são diversas, podendo ir desde a comoção, a tristeza, a alegria, até a fúria, mas frear o se sente no momento do contato com o texto literário é praticamente impossível. Negar o que se sentiu é o que comumente acontece, por vergonha diante da maioria da sociedade em relação a expor seus sentimentos, e, por isso, se mostrar como fraco.

A emoção só acontece porque o leitor consegue sentir empatia, e se colocar na pele de quem quer que seja em qualquer situação, e o que tem de relevante para saber sobre o texto não é sobre o que ele trata, mas o que ele provoca. “Depende muito do referencial da leitura, da situação em que nos encontramos, das intenções com que nos aproximamos dela, do que ela desperta de lembranças, desejos, alegrias, tristezas (MARTINS, 1985, p.61). Todo um contexto tem que ser levado em consideração nas mais diversas reações que possam vir a ser produzidas.

Relacionar-se social, cultural e politicamente, fez com que os homens se tornassem mais racionais em situações que não eram habituais e, também, na forma como realizam leituras de mundo, aqui se referindo, mais especificamente, ao nível racional. “Importa, pois, na leitura racional, salientar seu caráter eminentemente reflexivo e dinâmico” (MARTINS, (1985 p. 65-66).

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais (MARTINS, 1985, p. 66).

O processo de leitura no nível racional é considerado por muitos estudiosos como o nível mais relevante que o sensorial e o emocional, por seu caráter reflexivo e questionador, pela forma como conduz a ampliação dos horizontes de leituras e das visões de mundo, em uma relação dinâmica entre leitor/texto/contexto. De acordo com Martins: “[...] na leitura racional o leitor visa mais ao texto, tem em mira a indagação; quer mais compreendê-lo, dialogar com ele. (MARTINS, 1985).

A leitura no nível racional tende a ser mais exigente, pois é essencial conhecer o texto e suas peculiaridades e, quanto maior for o leque de conhecimento, aumentam também as exigências e interesses, além da capacidade de associação de leituras novas com outras já realizadas. Lembrando que inúmeras são as formas possíveis de leituras, mas a que de uma forma ou de outra vai se sobressair é a do texto escrito, como, por exemplo, o literário.

[...]a da escrita acabou se impondo; [...] é através dela que o próprio ato de ler tem sido pensado; segundo, porque na literatura se encontram elementos aos quais podemos voltar inúmeras vezes, testando nossa memória, incitando nosso imaginário, deixando sentidos, emoções e pensamentos serem permeados pela variedade de sentidos que podem possuir uma palavra. (MARTINS, 1985, p.73).

Nenhum texto é construído sem passar uma mensagem, seja ela intencional ou não, e observar a narrativa do texto, no caso o literário, é uma oportunidade para se captar o que o autor deixou de pistas para analisar sua intenção, o porquê da criação de determinada obra, e a melhor forma de aprendermos a encontrar esses indícios é com o aumento da experiência de leituras, lembrando que, ao detectar os indícios, não significa compreender todo o texto de forma clara, pois sempre surgem elementos novos, enriquecendo ainda mais o texto. Maria Helena Martins (1985) afirma:

Mas creio mesmo ser muito difícil realizarmos uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional, pelo simples fato de ser próprio da condição humana inter-relacionar sensação, emoção e razão, tanto na tentativa de se expressar como na de buscar sentido, compreender a si próprio e o mundo (MARTINS, 1985, p.77).

Como ressalta a autora, não é possível fazer uma leitura em apenas um nível, como também pode acontecer de um ou outro nível prevalecer, tudo vai depender do objeto que for feita a leitura, o contexto do objeto e o leitor, as condições no momento da leitura. Assim como existem vários tipos de leitura, existem também vários leitores, o que pode suceder várias interpretações, inclusive se houve um novo contato com um texto já lido, podem variar os níveis de leituras predominantes, pois a situação do primeiro contato com o atual já não é a mesma, assim como a carga de leituras do leitor.

De acordo com Rebello (2015), leitura é uma construção do ato de interação entre o leitor e o autor, quanto mais leituras forem realizadas, mais criações serão feitas, pois o sentido só será construído a partir da junção do texto e do sujeito, uma vez que os sujeitos se constroem nesta relação. “Leitura, texto e sentido fazem parte do processo de interpretação” (REBELLO, 2015), e a não existência do texto, verbal ou não, não torna possível a leitura e nem a construção do sentido, que só é possível a partir do texto. Rebello (2015) cita Dell’Isola (2001, p. 28) sobre essa questão:

(...) Nenhum texto apresenta um sentido único, instalado, imutável, depositado em algum lugar. Texto quer dizer “tecido”, não um produto, mas uma produção. De igual maneira, a leitura não é um produto, antes uma produção. A leitura é produzida à medida que o leitor interage com o texto.

O texto tem sentidos múltiplos, como afirma Dell’Isola (2001), e, tanto a leitura, quanto os sentidos, só serão produzidos por meio da interação do leitor com o texto. Não se pode falar de leitura sem levar em consideração a compreensão, que é um processo que leva tempo para que o leitor consiga processar, inferir e relacionar a leitura com conhecimentos prévios e pessoais, dando sentido ao que está lendo. “Quando o leitor é capaz de identificar os sentidos possíveis que estão escondidos sob significantes e consegue vislumbrar a intencionalidade do autor, relacionar o texto com o mundo, podemos dizer que chegou ao nível da interpretação” (REBELLO, 2015).

Quando o leitor atinge o nível da interpretação, ele já ultrapassou a simples compreensão, pois passa a enxergar pontos ainda escondidos e a fazer relações entre o texto e o autor, o contexto, e as possíveis intenções com a sua criação. No entanto, para fazer uma interpretação coerente, a forma como as palavras são usadas é importante, podendo ser *denotativo*, quando tem expresso na palavra seu sentido literal, (sentido de língua, com um único significado), e *conotativo*, quando a palavra tem seu sentido ampliado (sentido discursivo, o significante pode ter vários sentidos), sendo este último sentido acionado quando a intenção é chegar à interação texto/leitor, e, por ser uma relação social, cada palavra terá um

valor dependendo do lugar onde for interpretada, devendo quem for fazer essa interpretação passar pelo sentido da língua e alcançar o sentido do discurso.

Outros recursos também são usados para a construção do texto, como os pressupostos e os subentendidos, que são as informações implícitas do texto. Segundo Rebello (2015), pressupostos “[...] são aquelas ideias não expressas de maneira explícita, mas que o leitor pode perceber a partir de certas palavras ou expressões contidas na frase.” Os pressupostos não podem ser negados e têm uma marca linguística, o posto, que seria aquilo que se pode negar. Como por exemplo: temos o posto (João parou de bater na mulher) e o pressuposto (João batia na mulher).

Ainda conforme Rebello, “Quando uma informação não é dita, mas tudo que é dito nos leva a identificá-la, estamos diante de algo subentendido ou inferível”. Os subentendidos são de responsabilidade do ouvinte. Tudo vai depender do objetivo do autor e do leitor para os efeitos que o texto pode causar, uma vez que, quanto mais se analisa um objeto, maiores são as descobertas que ainda não tinham sido encontradas.

O CONTO “UM CINTURÃO” DE GRACILIANO RAMOS: A LITERATURA E SUAS POSSIBILIDADES DE LEITURAS

O conto “Um Cinturão”, de Graciliano Ramos, faz parte do livro *Infância*, que foi publicado em 1945. O conto relata a história de um menino que, desde muito cedo, teve contato com a violência dentro de casa, como, por exemplo, quando sua mãe o surrou com uma corda cheia de nós, chegando a ferir suas costas, sendo preciso ser enrolado em panos molhados com água e sal para cuidar dos ferimentos. Tal atrocidade foi reprimida por sua avó em uma de suas visitas, mas, apesar dos machucados, a criança diz que a mãe estava irritada e que o feriu sem querer e que os culpados por seus ferimentos foram os nós.

Mas nada o marcou tanto como no caso do cinturão. O menino tinha, aproximadamente, cinco anos, seu pai dormia na rede da sala da casa e, ao acordar, levanta-se da rede, bem nervoso. Neste momento, o menino, apavorado, deseja que ele vá em direção às pessoas grandes e, que, por isso, não apanhariam, enquanto se encolhe em um canto. No entanto, seu pai vai diretamente ao seu encontro e, violentamente, o tira de onde está e exige que ele o diga onde está o cinturão. A criança, paralisada com a brutalidade do pai não consegue falar nada. Ela não consegue descrever toda a cena, mas, provavelmente, acredita ter sido sacudida, tremia de medo, foram tantos gritos que, se o menino soubesse onde estava o cinturão não conseguiria contar.

Situações como essa fizeram parte de sua infância e suas consequências o acompanharam por toda a vida, tanto que não suportava ouvir alguém falar alto que tudo vinha à mente. Era como se estivessem ferindo seus tímpanos, e a pergunta que fora repetida tantas vezes volta em sua lembrança: “Onde está o cinturão?”.

Seu pai, furioso, segue querendo que o entregue o cinturão e o menino só deseja que uma criança ou o cachorro passe pela sala e, quem sabe, as pancadas fossem transferidas, mas todos o abandonaram. Ele já zozzo, com náuseas, não vê o pai pegando um chicote, e o martírio continua, com uivos de dor e sofrimento. Mas, apesar do sofrimento do espancamento, nada se igualava ao medo que sentiu antes da surra. Os olhares, os gestos, a voz ameaçadora do pai eram aterrorizantes.

Quando solto, foi para um canto, gemendo de tanta dor e medo, e antes que adormecesse, viu seu pai indo rumo à rede, sentar-se e levantar-se com o cinturão nas mãos, que deveria ter desprendido a fivela, quando se deitou, anteriormente. Apesar de o ter encontrado, o pai anda pela casa, mas não chega até o filho para pedir-lhe desculpas, e se o tivesse feito o menino o teria recebido sem o arrepio que sua presença sempre o causou. E a criança segue sozinha, no canto, quieta, comparando sua presença com as aranhas que estavam na telha, sendo ambas insignificantes. O autor, Graciliano Ramos, termina o conto dizendo que esse tinha sido seu primeiro contato com a justiça.

O CONTO “UM CINTURÃO”, DE GRACILIANO RAMOS, E SUAS POSSIBILIDADES DE LEITURA

Ramos compôs a plêiade de grandes romancistas do Modernismo-Segunda Fase-Prosa. Sobre as características dessa fase literária no Brasil, Terra e Nicola (1997, p. 224) afirmam:

As transformações vividas pelo país com a Revolução de 1930 e o conseqüente questionamento das tradicionais oligarquias, os efeitos da crise econômica mundial, os choques ideológicos levando a posições mais definidas e engajadas formam um campo propício ao desenvolvimento de um romance caracterizado pela denúncia social, verdadeiro documento da realidade brasileira, que exprime um elevado grau de tensão nas relações de eu com o mundo (grifo dos autores) (TERRA e NICOLA, 1997, p. 224).

Observa-se, pela fala dos autores, que essa fase da Literatura Brasileira se volta para a tensão, os conflitos entre o homem e o seu meio, o homem e a sociedade. Dessa forma, os

escritores desse período trabalham a arte literária como forma de denúncia da realidade que vivenciam.

Ainda, nas palavras de Terra e Nicola (1997, p.231), “Graciliano Ramos é hoje considerado por grande parte da crítica o nosso melhor romancista moderno. E mais, é tido como o autor que levou ao limite o clima de tensão presente nas relações homem/meio natural, homem/meio social [...]”.

Em uma combinação que envolve o estilo literário Modernismo-Segunda Fase-Prosa e o estilo característico do autor, os textos de Graciliano Ramos demonstram o que é o homem da época, como é a sociedade da época, como se comporta a alma humana.

Antonio Candido (1964), citado por José de Nicola (1998, p.363), divide a obra de Graciliano Ramos em três categorias:

- a) Romances narrados em primeira pessoa (Caetés, São Bernardo e Angústia), nos quais se evidencia a pesquisa progressiva da alma humana, ao lado do retrato e da análise social.
- b) Romance narrado em terceira pessoa (Vidas secas), no qual se enfocam os modos de ser e as condições de existência, segundo uma visão distanciada da realidade.
- c) Autobiografias (Infância e Memórias do cárcere), em que o autor se coloca como problema e como caso humano; nelas transparece uma irresistível necessidade de depor (CANDIDO, 1964, *apud* NICOLA, 1998, p. 363).

Por essa categorização, observa-se que na Literatura de Ramos há alguns aspectos que se evidenciam: compreensão da alma humana, análise social, condições da existência e a necessidade de denunciar.

Compreendemos a Literatura como uma representação da realidade. O Conto “Um Cinturão”, de Graciliano Ramos, é um exemplo disso, quando o autor, após ter vivenciado momentos de violência doméstica, praticados por seus pais, em sua infância, privilegia, entre a sua arte de ser escritor, a literatura que aborda aspectos dessa violência sofrida. Conforme Bordini e Aguiar (1993):

A linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais nela representados uma visão típica da existência humana. O que importa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato, que o identificam com outros homens de tempos e lugares diversos (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 14).

Nas palavras das autoras, a Literatura é ficção, mas uma ficção que tem base em um processo balizado na história, na política, na sociedade e nas questões culturais. Isso nos faz compreender que o que a Literatura expõe é fruto da realidade. Uma realidade que é exposta, por meio dessa Literatura, com características ficcionais.

Ainda nas palavras das mesmas autoras, “[...] a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo mesmo autor”.

A partir dessa compreensão, vale a pena entender que o Conto “Um Cinturão”, de Ramos (1945), nos possibilita infinitas leituras, em pleno ano de 2017, século XXI. Isso é a realização do pensamento de Antonio Candido, quando da sua afirmação da “literatura como direito do ser humano”. Por meio da fruição do texto literário, o sujeito/leitor pode realizar inúmeras reflexões sobre velhos temas que não perderam a sua contemporaneidade. Entre esses temas, vamos destacar, neste estudo, a questão da violência praticada pela família, no seio dessa mesma instituição: os maus tratos praticados, geralmente, pelos pais, contra a criança e o adolescente. Um tipo de violência que perdura até hoje e, muitas vezes, fica acobertada e “justificada” por uma “cultura” que entende que essa violência doméstica pode ser praticada, já que ocorre no seio familiar e figura, frequentemente, como “forma de se educar”, sendo os pais são os responsáveis pela educação dos filhos.

É fato que, durante muito tempo, a violência que ocorria no seio familiar era questão absolutamente “familiar”. Considerada questão “natural”. Não havia o que se discutir diante de um ato de violência praticado por um pai contra um filho. Como muito se pensava, e se pensa ainda, “o pai estava no direito dele”. Um “direito” que foi compreendido, durante muito tempo, como “inquestionável”, não importando as consequências que ocorreriam a partir desse “direito”.

Segundo Candido (1992), “[...] para Graciliano Ramos a experiência era condição da escrita”. Todas as suas obras tiveram uma influência de sua experiência pessoal e de tudo que o autor viveu. Por ter sua origem sertaneja, Graciliano, além de saber falar com propriedade da vida naquele lugar, também escrevia, criticando, principalmente, os coronéis, e o modo de educação presente na época, tanto no meio familiar, quanto no escolar. O autor prezava mais a narrativa, o que ela ia expor, do que as inúmeras possibilidades linguísticas de se fazer isso. No geral, sua linguagem é clara e objetiva, salvo nas obras tidas como regionalistas, em que ele utilizava de termos próprios do lugar e da época, para dar mais realidade ao que ele estava apresentando.

Em seu livro de memórias, intitulado “Infância”, em especial no conto “Um Cinturão”, as principais motivações para a sua elaboração foram seus pais. As lembranças de sua criação, por parte da mãe, estavam sempre ligadas à ausência de afeto e à violência, e de seu pai por ser muito severo, autoritário e violento: “Meu pai fora um violento padrasto, minha mãe parecia odiar-me, e a lembrança deles me instigava a fazer um livro a respeito da bárbara educação nordestina” (RAMOS, 1979, p. 27).

A forma como é relatada a convivência e a educação dentro da família, era como funcionava, no geral, a educação nordestina, caracterizada por ele como sendo bárbara. Por toda a infância, Graciliano foi submetido à educação por meio de repressão e violência, tanto, psicologicamente, quanto fisicamente. A forma como a mãe o chamava, o uso de alguns apelidos o marcaram por toda sua vida, além das surras que ele levou. Essas questões o fizeram acreditar que a sua própria mãe não o amava. Já, seu pai, até a sua presença o amedrontava, pois sua forma de se relacionar estava sempre ligada a uma agressão inquestionável, pelo simples fato de ser “o homem da casa”, aquele que tem o poder e deve ser respeitado. Mas os espancamentos, além de feridas na pele, também, deixaram marcas na alma do pequeno Graciliano.

O conto fora publicado no ano de 1945, no entanto, o tema abordado, da violência contra a criança, ainda, é bastante contemporâneo, pois até então, atualmente, é comum a divulgação de notícias de muitos casos de extrema agressividade, e até de morte de crianças, devido à violência doméstica praticada pelos pais ou por parentes contra a criança e o adolescente.

Com a criação do Estatuto da Criança e Adolescente, Lei N. 8.069, de 13 de julho de 1990, os direitos da criança e do adolescente passaram a ser assegurados por lei, como se pode ver, a seguir:

Art.18-A. A criança e o adolescente têm direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou tratamento cruel ou degradante como formas de correção, disciplina, educação, ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los (LEI N. 8.069, 1990).

De acordo com Art.18-A, supracitado, a educação que tiver como ferramenta o uso da violência será punida pela lei, seja ela praticada por quem quer que seja. Isso significa que, não é porque alguém faz parte da família que, automaticamente, tem o direito de educar da forma que quiser. Pode-se observar isso pela Lei N. 8.069, de 13 de julho de 1990: “Art.130.

Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum (LEI N. 8.069, 1990).

As medidas de proteção serão sempre empregadas de acordo com a gravidade do caso, podendo até ocorrer a saída do agressor do mesmo ambiente familiar, sendo o Conselho Tutelar o órgão responsável por esta aplicação, conforme disciplina a legislação: “Art.131. O Conselho Tutelar é o órgão permanente e autônomo, não jurisdicional encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos nesta lei (LEI N. 8.069, 1990).”

O Conselho Tutelar tem o dever de cumprir o que está na Lei, visando sempre tomar a melhor decisão ao que se refere à criança e ao adolescente, para que sua integridade e desenvolvimento intelectual e pessoal sejam assegurados, no entanto, é bom ressaltar que as decisões do Conselho Tutelar não excluem outras ações por parte do poder judiciário.

Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;

II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis;

III – em razão de sua conduta. (Lei N. 8.069,1990).

O consenso entre educar sem fazer uso da violência não é bem aceito por todos, afinal a grande maioria foi educada desta forma e pensa estar apenas ensinando da forma como aprendeu, mas como deixa claro, o Inciso II, a criança e o adolescente têm direito às medidas de proteção e, dependendo de cada caso, os pais podem ser responsabilizados: “Art.129. São medidas aplicáveis aos pais ou responsável: [...] Incisos: VII – Advertência; VIII – perda da guarda; IX – destituição de tutela; X – suspensão ou destituição do poder familiar” (LEI N. 8.069,1990).

É importante ressaltar, também, que a legislação vem, nos últimos tempos, lançado um olhar “mais afunilado”, sobre a questão da violência praticada no seio da família, contra a criança e o adolescente. Mais recentemente, foi sancionada a Lei n.º 13.010/14, que ficou conhecida como “Lei Menino Bernardo”. Conforme Costa (2014, p. 3),

Conhecida anteriormente como Lei da Palmada, esta também passou a ser conhecida como “Lei Menino Bernardo” em homenagem ao garoto Bernardo Uglione Boldrini, de 11 anos, que foi morto em abril passado, no Rio Grande do Sul, figurando como suspeitos do crime o pai e a

madrasta da criança. Finalmente, promulgada em 26 de junho de 2014, a Lei n. 13.010/14 alterou o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu art. 13, bem como inseriu os art. 18-A, 18-B e 70-A, estabelecendo que as crianças e os adolescentes têm o direito de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante.

Essa lei, na prática, como afirmam muitos estudiosos, disciplina que a criança e o adolescente têm direito de serem criados sem o uso da violência física ou tratamentos cruéis e degradantes.

Na realidade, o que se busca é que a bandeira contra qualquer tipo de violência seja levantada por todos os membros da sociedade. Nessa perspectiva, todos os setores sociais, acadêmicos, culturais acabam tendo de se envolver com essa problemática. Por sua vez, a Literatura, como arte, pode ser uma dessas possibilidades.

Como afirma Amorim (2001), citando Candido (1972), a Literatura tem 3 (três) importantes funções: função psicológica, função formadora e função social. Neste estudo, o que se buscou foi levantar, a partir da leitura do conto “Um Cinturão”, de Graciliano Ramos, temas da contemporaneidade que podem ser refletidos com essa leitura. Várias poderiam ser as possibilidades de leituras. Porém, o viés escolhido foi conduzir, brevemente, a reflexão sobre a violência doméstica, praticada pelos pais, contra a criança e o adolescente, fato que, nos últimos anos, tem sido recorrente em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar o conto “Um Cinturão”, de Graciliano Ramos, que foi publicado em 1945, aspectos como a vida do autor, a forma de educação da época e do lugar de sua infância, deixam claro o teor autobiográfico da obra, já que por toda infância, a educação dada pelos pais de Graciliano não fora baseada em amor e em cuidado, mas em violência, ignorância e crueldade. No entanto, infelizmente, em pleno século XXI, ainda acontecem muitos casos de abusos de violência no âmbito familiar; atos, esses, sempre velados com o argumento de que se está, apenas, educando, mas que, muitas vezes, ultrapassam os limites, resultando até na morte de muitas crianças e adolescentes.

Para que tais consequências não ocorram, é importante ter a consciência de que educar e bater não fazem parte do mesmo objetivo, pois acredita-se que a ideia seja educar a criança ou o adolescente para que se tornem adultos conscientes do seu papel na sociedade, da importância do respeito para com o próximo. O melhor momento para se ensinar isso é na

infância, pois é quando se aprende quais são os valores realmente necessários, e não existe ingrediente melhor para se fazer isso, do que por meio do amor, do afeto, do carinho. Desta forma, o ambiente familiar torna-se a base para a construção deste ser consciente, que vai usar a forma de educação que recebeu em casa por toda a vida.

Neste estudo, objetivamos compreender algumas das várias possibilidades de leitura e de reflexão, a partir do texto literário. Nesse contexto, buscou-se, mais especificamente, a compreensão, a partir da leitura do conto “Um Cinturão”, de Graciliano Ramo, escrito em 1945.

De um texto literário que relata abusos de violência de um pai contra uma criança, no seio familiar, pode-se realizar múltiplas leituras que vão desde uma análise textual, até uma análise interpretativa. Assim considerando, o estudo privilegiou uma leitura interpretativa que faz um contraponto entre casos de violência contra a criança e o adolescente que ocorreram no século passado e ainda são tão frequentes, em pleno século XXI.

Dessas leituras, considerando pressupostos e subentendidos, o sujeito-leitor pode repensar a sua contemporaneidade. Disso, é patente, pode-se modificar os rumos da sociedade. Nesse sentido, neste trabalho, buscamos o entendimento e a leitura sobre as questões de violência doméstica contra a criança e o adolescente, trazendo aspectos da legislação brasileira que se voltam para essa questão.

Unindo-se a esses aspectos da legislação, compreendemos, também, a função social que apresenta o texto literário. Esse texto literário que representa aspectos reais da vida, por meio do artístico, primeiramente, mas como denúncia, como forma de reflexão, como chamado ao pensamento e à leitura racional e interpretativa.

Disso, depende-se o valor social do texto literário, que deve ser disponibilizado a todos os sujeitos como um direito, à moda de Antonio Candido, para que, a partir da leitura, esses mesmos sujeitos possam ser autores de suas vidas e da vida de outros sujeitos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Alan Ricardo de. **A Literatura em busca de um conceito**. Maringá: UEM, 1999.

BASSO, Jorge Garcia. **O artesão da palavra: Graciliano Ramos, literatura, educação e resistência**. São Paulo: PUC/SP, 2010.

BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A Formação do Leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

_____. **Lei nº 13.010**, de 26 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm>. Acesso em 20 de junho de 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COSTA, Juliana Figueiredo. **Lei n.º 13.010/14 – “Lei Menino Bernardo”**. São Paulo: IESP, 2014.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo, Brasiliense, 1985.

MOISÉS, Massaud. **Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 1992.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1998.

OZAÍ, Antonio da Silva; PRAXEDES, Walter. **Política, Literatura e Educação**. São Paulo: Revista Espaço Acadêmico, 2001.

RAMOS, Graciliano. Um Cinturão. In: MORICONI, Ítalo. (Org.) **Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.